

Notas

Fr. Pedro Calvo, O.P.: a importância da *Paraphrasis do psalmo* Beati Imaculati in via 118...

O autor, se bem que recordado como um dos muitos homens «ilustres em Letras» do Porto que arrola o Padre A. Rebelo da Costa na sua *Descrição Topográfica e Histórica da Cidade do Porto* (Porto, 1788), mesmo se não deve ter passado de um «ilustre desconhecido» para Sampaio Bruno que o ignora nas páginas dos seus *Portuenses Ilustres* (Porto, 1907)..., é bem conhecido quer pelas «entradas» que Barbosa Machado e Inocêncio F. da Silva lhe dedicaram na suas obras, quer por referências que ao longo dos tempos se lhe foram fazendo. Destas recordemos apenas o «famoso escritor de homilias» que assinalou D. Francisco Manuel de Melo na célebre carta-catálogo ao Doutor Temudo da Fonseca sobre os «autores [portugueses] modernos» que deveriam entrar em essa «Biblioteca Lusitana» que ele, Melodino, andava a tentar organizar... Porém, tanto o Abade de Sever como Inocêncio F. da Silva se lhe lembram as obras, são parcos nos dados que permitam situá-lo – para o dizer com o título de uma obra célebre de um seu contemporâneo – entre *la cuna y la sepultura*. Com efeito, se Barbosa Machado apurou a data da sua profissão – 25. 10.1566, no convento dominicano de Aveiro –, não logrou determinar nem a data do seu nascimento nem a da sua morte. Também Inocêncio I. da Silva – ou Brito Aranha? – só mais tarde reparou que o próprio Fr. Pedro, dirigindo-se «Aos pios, e devotos lectores» da primeira parte das suas *Homilias da Quaresma* (Lisboa, 1627), ao declarar que, então (1627)¹, tinha 76 anos, permitia datar o seu nascimento². No entanto, quer o autor da *Biblioteca Lusitana* quer o do *Diccionario Bibliographico Português* ignoram que ele escreveu uma *Paraphrasis do Psalmo Beati Immaculati in via (118)*, se bem

¹ Todas as licenças do livro estão concedidas entre 1.8. e 19.11. de 1626, sendo esse prólogo de Fr. Pedro Calvo datado de 24.4.1627, o que significa que foi acrescentado à última hora, antes da licença final dos revedores em 27.4.1627 e da taxa de 5.5. desse mesmo ano. Uma excepção ou uma prática aceitável no processo de controle editorial?

² Inocêncio F. da SILVA, *Diccionario Bibliographico Portuguez*, XVII, Lisboa, 1894, 195, onde remete para o vol. IV, 397 da mesma obra.

que não ignorem a obrita, pois a arrolam nos créditos de Fr. Filipe das Chagas. Há, porém, a certeza de que não viram a obra, pois, de outro modo, não a atribuiriam a esse Fr. Filipe que, como o seu nome do século – Filipe Nunes – foi o autor da conhecida *Arte Poetica e da Pintura* (Lisboa, 1635), nem, acertando com o nome do editor e o lugar da impressão (Lisboa, Jorge Rodrigues), lhe errariam a data da impressão (1533 por 1538). Convém, contudo, dizer que a obrinha – um pequeno in 12º de 97mm x 70mm – parece ter andado ausente das grandes bibliotecas particulares, pois de todas as grandes de que se foram publicando catálogos por motivo de venda – Azevedo-Samodães, Ameal, Luis de Monteverde, Ávila Perez, Salema Garção, etc. –, apenas se regista um exemplar, suficientemente descrito, na de J. M. Nepomuceno³ e, mais recentemente (Março, 2000), na de Miguel de Faria⁴. Naturalmente, a Biblioteca Nacional de Lisboa possui um exemplar da obra, porém, em não muito bom estado de conservação (Res. 6042).

Da obra em causa –

PARAPHRASIS / DO PSALMO BEATI IM / maculati in via 118.
Cõposta pello / P. M. Fr. Pedro Caluo, da odem / dos Prêgadores, & prega – / dor de sua Magestade nos / ultimos dias de / sua vida. // COM HVM MODO BREVE / de ter Oração Mental, & Meditação da / Paixão, repartidas pellos dias da so – / mana. Ordenadas pello Padre Fr. / Fellipe das Chagas da mês – / ma ordem, e natural de Villareal. // EM LISBOA. // Por Jorge Rodrigues. Anno 1638.

– cujas várias licenças se estendem entre 29.2.1636 e 24.7.1638, convem destacar quer o «Prologo» não assinado, pois nele se dão importantes notícias sobre os extremos da biografia do autor da própria *Paraphrasis* e, até certo ponto, da do autor desse «Prologo» quer a «Introduçam» da autoria do próprio Fr. Pedro Calvo.

Com efeito, escreve-se nesse «Prologo»⁵:

«Faleceo neste Convento de S. Domingos de Lisboa aos 11 de Agosto de 635, o P. Mestre Frey Pedro Calvo com edificação geral [...] com tanto desassombro falava na passagem, que desconheciamos o rigor da hora vendo hum velho de 84 annos gastado do estudo e trabalho da Religião [...] E se destes exercicios que por causa da idade e mal do peito grande (erão sempre mui largos) algum pouco mais tempo lhe sobrava, esse gastava em trabalhos de estudo proveitozos a si, e ao proximo: destes forão os derradeiros Aparaphrasis do Psalmo Beati Immaculati, com a vida da Samaritana, mas acaboucelhe

³ Luis TRINDADE. *Catalogo da livraria do falecido distinto bibliographo e bibliophilo José Maria Nepomuceno*, Lisboa, 1897, 43, nº 357

⁴ «Correio Velho» (Soc. Comercial de Leilões), Leilão nº 84, nº 140 do respectivo catálogo.

⁵ Na transcrição do textos adaptamos ligeiramente a ortografia: o *u* intervocálico > *v*; o & > *e*; *hü* > *hum*.

primeiro a sua, do que lha podesse dar a ella na impressão, e o que pior foi que na morte do bom velho desapareceu a vida da Samaritana, e so me veyo a mão Aparaphrasis, que não pude soffrer tambem se acabasse. E porque na tenção do p. Mestre a vida da Samaritana devia servir de alma e Aparaphrasis de fala com Deos, por ser o Psal. todo cheo de jaculatorias, divinas, pareceume ajuntarlhe hum modo breve de fazer a oração mental, e hūas meditações da paixão, repartidas pellos dias da somana, que se bem na forma em que vão são alheas, na sustancia posso dizer que são suas do P. Mestre, pois tudo quanto fis e sou lhe devo como a Mestre na Theologia, e Pay no exemplo, sendo seu confessor por mais de 14 annos continuos, a cuja boa memoria debes pio Leitor esta lembrança para edificação tua e nossa. Vale.».

Das notícias deste «Prologo» convirá destacar, em primeiro lugar, a data exacta da sua morte – 11.8.1635 – e a sua idade – 84 anos –, elementos que permitem garantir e precisar que, efectivamente, como ele o dava a entender em 1627, nasceu em 1551, o que indica que toda a sua vida e obra se desenvolvem sob o signo de uma Contra-reforma já consolidada por Trento, como confirma o seu próprio estilo de pregação⁶.

Por outro lado, ficamos a saber da sua doença e retiro e, ao mesmo tempo, na medida das suas possibilidades, da continuação dos seus estudos e trabalhos literários, dos quais a *Paraphrasis* e uma *Vida da Samaritana*, desaparecida esta já à data da sua morte, teriam sido «os derradeiros». Convém, porém, esclarecer que não há que ler «os derradeiros» como referíveis aos tempos mais próximos desse ano de 1635. Com efeito, a *Paraphrasis* estava acabada e esperava impressão desde 1624, pois nesse ano, em S. Domingos de Lisboa, assinava Fr. Pedro Calvo uma declaração, que vai no fim da sua obrinha, de «submeter esta paraphrastica exposição do Salmo Beati Immaculati à censura da santa Madre Igreja Romana e a sua santa Inquisição». Contas feitas, podemos supor, com largas garantias, que desde 1624, com 73 anos, os seus estudos e trabalhos deveriam ser - sobretudo? - a preparação da impressão dos seus sermões (1627 – 1629) e de outros pequenos textos devotos como a *Paraphrasis* e, como deveria ser, essa *Vida da Samaritana*...

No entanto, como se terá já percebido das suas palavras, o anónimo autor do «Prologo» é o próprio autor do *Modo breve de ter oração mental e Meditações da Paixão*..., isto é, Fr. Filipe das Chagas, que nos explica não só as razões por que juntou esses trataditos à obra de Fr. Pedro – como modo, até certo ponto, de substituir a *Vida da Samaritana* –, mas também a legitimidade desse seu gesto. Com efeito, Fr. Filipe escrevendo que «tudo quanto fis e sou lhe devo como a Mestre na Theologia e Pay no exemplo», bem podia afirmar que as «meditações da paixão, repartidas pellos dias da somana, se bem que na

⁶ Permitimo-nos remeter para a breve página que, no âmbito da parenética, dedicamos às *Homilias* de Fr. Pedro Calvo no vol. III da *História Crítica da Literatura Portuguesa*, Lisboa, no prelo.

forma em que vão são alheas, na sustancia posso dizer que são suas do P. Mestre». Acresce ainda que Filipe das Chagas foi, como ele o declara, confessor do seu antigo mestre «por mais de 14 annos continuos», o que lhe permitiu confirmar essa «boa memoria» e convocá-la, nessas páginas introdutórias da obrira que se empenhou em editar, para edificação sua e dos seus leitores.

Da «Introduçam» de Fr. Pedro Calvo convirá sublinhar a sua declaração de que «nam para mostrar erudiçam a doctos, mas para excitar devação a pios [concedeu] a repetidos rogos de pessoas devotas e nobres, que me pediram composesse esta breve paraphrasis, e declaração do Psalmo Beati Immaculati». Sem excluir a verdade das suas palavras, passemos os tópicos que encerram – desde os rogos à qualidade dos rogadores – anotando, porém, que o fez – ou que foi levado a fazê-lo – «pera que os que não sabem latim terem algia noticia do sentido delle e o rezarem no officio divino com maior devação, levando a [unção?] não só na letra, mas nos mysterios que nella se encerram...». Conjugadas as informações, talvez possa ser legítimo sugerir que destinava, antes de mais, esse seu trabalho a gente que rezava – por obrigação ou por devoção – o «Offício divino» sem saber muito latim, o que, no quadro do tempo, parece indicar, antes de todos, mas sem exclusões, um público feminino não apenas conventual. Da quarta condessa de Benavente, D. Maria Pacheco, em Castela, à volta de 1473 até à primeira marquesa de Niza, D. Inês de Noronha, em Portugal, cerca de 1649, seria fácil fazer uma lista, sempre apenas exemplar, de damas «devotas e nobres» que rezavam ou ouviam rezar o «Officio divino». E se gasta algumas páginas a explicar os mistérios amorosos e morais que encerra um texto que David estruturou de acordo com a sequência do alfabeto hebraico, há que compreender que o faz em virtude de escrever para esse mesmo público, pois «assi como aos doctos sera facil conhecer os lugares da divina Escripura e doctrinas dos santos Padres nesta explicação incluidas, assi aos que não são nellas versados por ventura parecerá menos ornada [...]; mas de proposito o [fez] por [lhe] parecer mais acomodada a gente pia compor esta Paraphrasis em modo de colloquio espiritual de David com Deos occultando as alegações das sentenças de que vai tecida por não cortar o fio delle, e com este estilo excitar mais a devação».

Fr. Filipe das Chagas compreendeu-o muito bem e, por isso, atreveu-se a juntar-lhe os seus dois breves textos que, para além do mais, são um bom exemplo da simplificação – e da correspondente difusão – a que tinham chegado, já nos começos de Seiscentos, os caminhos breves – os «atalhos» de tantos títulos – para oração mental e da meditação na Paixão. E, por outro lado, parecem advertir como seria enganador tudo «medir» por ingentes obras suas contemporâneas – ou quase –, como os *Trabalhos de Jesus* ou a *Arte de orar...*